

I ENCONTRO INTERNACIONAL
CIÊNCIA INDÍGENA E JUSTIÇA CLIMÁTICA:
entre Aldeias e Universidades



20, 21 e 22/03/2024 - Sede CNPQ - Brasilília/DF.

RELATÓRIO FINAL

INTRODUÇÃO



Os/as estudantes indígenas de graduação e pós-graduação, representados/as pela Associação Plurinacional de Estudantes Indígenas, de várias partes do Brasil, da Bolívia, do Equador e da Colômbia se reunirão no I Encontro Internacional em Ciência Indígena e Justiça Climática: entre aldeias e universidades, na sede do CNPQ, em Brasília/DF, nos dias 20, 21 e 22 de março de 2024, para apresentar à sociedade e às autoridades competentes suas reivindicações, discussões, debates e reflexões realizadas nesse encontro a cerca dos conhecimentos e saberes produzidos pela ciência indígena.

A União Plurinacional de Estudantes Indígenas - UPEI, com sede e foro em Campinas, São Paulo, é uma associação civil estudantil, sem fins lucrativos, sem filiação político-partidária, livre e independente de órgãos públicos e governamentais, entidade máxima de representação de todos estudantes indígenas de graduação e pós-graduação dos estabelecimentos de ensino superior do Brasil, públicos e privados.

Inspirada na diversidade étnica, nos princípios da Plurinacionalidade dos povos originários, nos valores democráticos, na cultura, na diversidade de línguas e na tradição organizativa dos povos indígenas reivindica o respeito a suas especificidade e às diferenças expressa na diversidade plural étnica dos povos indígenas presentes na universidade que, como a maioria dos/as alunos/as brasileiros/as, enfrentam situações de abandono por parte do estado nacional brasileiro. A UPEI acredita que somente a partir da organização podemos garantir as conquistas de nossos antepassados, lideranças e intelectuais indígenas que possibilitaram, hoje, estarmos dentro da universidade.

O I Encontro Internacional em Ciência Indígena e Justiça Climática: entre Aldeias e Universidades representa uma forte organização dos/as 56.252 indígenas (INEP/2022). O encontro tem como foco discutir a contribuição de experiências em proteção e preservação ambientais das florestas nativas em terras indígenas como alternativas de justiça socioambiental aos graves problemas imposto pelas mudanças climáticas em nosso planeta. Ademais, os estudantes indígenas podem desenvolver redes de investigações em projetos de pesquisas ambientalmente sustentáveis, desde a perspectiva indígena na ciência.

A seguir passamos a descrever as atividades realizadas:

Dia 20/03/2021

As atividades iniciaram com as boas-vindas do presidente da Associação Plurinacional de Estudantes Indígenas, Arlindo Baré, que citou algumas entidades e universidades presentes. Em seguida anunciou a presença do Cacique Raoni e a apresentação da Atividade Cultural - Brasil das acadêmica da UNICAMP, um grupo formado por jovens do Povo Ticuna. O grupo começou a cantar a canção que segue:

Maracá-Nandê	Na taba vem dançar, pro mal afugentar	Pajé na aldeia vem dançar (xamã)
Tribo Mundurukus	Em transe o Pajé, exalta toda fé	Pajé, ritual vem celebrar (xamã), pajé!
Hei, há, hú, hei, há	Pra celebração tribal!	Pajé na aldeia vem dançar (xamã)
Ao som do tamurá, celebram ao luar Guerreiros em missão, convocam a nação Invocam ancestrais, ao som dos maracás Na celebração tribal!	Dança xamã (celebra pajé) Levita xamã (domina pajé) No seu ritual, é chefe tribal Traz o teu poder, o mal vem vencer (exalta Pajé) Consagra xamã (conclama pajé)	Pajé, ritual vem celebrar (xamã), pajé!
Ao som do Ofuá, fumaça ao Paricá	Encanta xamã, protege a cunhã És do poderoso clã	Ó (ó) Maracá-Nandê Maracá-Nandê Ó (ó) Maracá-Nandê Maracá-Nandê



Após a apresentação, Arlindo Baré, presidente da UPEI convida o Cacique Raoni para fazer uma saudação aos presentes e abençoar o evento, atitude que foi realizada todos os dias ao iniciar as atividades. O presidente destaca “Eh, eu queria saudar o Cacique Raoni e em nome do Cacique saúde todos todas as nossas lideranças no Brasil. Queria saudar os/as estudantes que estão presentes aqui. Saudando os/as estudantes, saúdo todos/as os/as estudantes indígenas presente hoje no Brasil.



Queria saudar a nossa parente Eliane Potiguara e através dela, saudar a todas as nossas grandes guerreiras lideranças mulheres indígenas do Brasil. Saúdo as autoridades e entidades presentes, os parentes lideranças internacionais que só enriquecem a nosso atividade.

O presidente destaca que fica emocionado e que não tem palavras para realmente se colocar para anunciar a fala do Cacique Raoni já que ele representa para a gente tudo aquilo que a gente é tem visto não só como luta e resistência, mas sua presença nesses dois dias aqui. A energia dele é algo inexplicável. E a gente estava comentando com os estudantes que a partir de agora se tivermos preguiça a gente

precisa pensar no nosso Cacique porque ele tem uma força, uma energia que realmente justifica tudo aquilo que ele tem feito por nós.



É uma honra de está nesse espaço nosso. Esse espaço que foi conquistado por vocês. E vocês fizeram essa luta para podermos estar presente hoje num espaço como esse, podendo não só tá vivenciando com vocês, mas também aprendendo com a possibilidade de sonhar em dar continuidade a essa luta. É nesse espaço de conhecimento, se apropriando do conhecimento do não indígena que a gente pode fazer nossa incidências, nossas lutas. O sonho de vocês de ter colocado a gente na universidade tem exatamente o sentido de dialogar com o conhecimento técnico para dar continuidade a nossas lutas que consideramos um grande avanço. Temos 56.552 estudantes indígenas presentes na educação superior hoje. Agradecemos ficamos muito honrados. Gostaria de chamar aqui a nossa maior liderança indígena, do Brasil, o Cacique Raoni para quem eu passo a palavra. Por favor, todo mundo fica de pé para aplaudir o nosso Cacique maior que ele vai abençoar aqui o início das nossas atividades.

É uma honra de está nesse espaço nosso. Esse espaço que foi conquistado por vocês. E vocês fizeram essa luta para podermos estar presente hoje num espaço como esse, podendo não só tá vivenciando com vocês, mas também



Amigo/a, bom dia a todos/as sobrinhos e sobrinhas que estão aqui presentes. Eu fui convidado para estar aqui com vocês e eu tô contente de estar aqui com vocês hoje, então vou começar essa minha fala para vocês no dia de hoje. Vocês que estão estudando e eu quero pedir que vocês estudem e também escrever sobre nosso Território. Nossa Floresta nosso Rio escreve sobre nossas línguas, sobre a forma como nos tratamos, sobre nossa história, história do Povo. Vocês tem que escrever sobre isso porque o branco é inimigo nosso desde que eles tiveram contato com os nossos ancestrais, mataram muitos de nossas

ancestrais. Então registro - A nossa cultura, a nossa história também vai ser fortalecida, nos vai trazer força. É isso que eu tenho para falar para vocês. Escrevam sobre a arte também porque as gerações futuras que estão vindo vão precisar conhecer a nossa história, a história dos nossos ancestrais. Eles precisam saber disso. Eu quero pedir também que todos nós indígenas estejamos unidos porque só assim teremos muita força para enfrentar esses nossos inimigos. Precisamos nos fortalecer nos unindo. Eu sei que cada um de nós vive no seu respectivo Território com sua cultura e com sua língua. Meu pai me contava sobre a existência de vários povos

indígenas e quando tiveram contanto com os brancos, com os irmãos Vilas Boas fomos informados que existe várias outras palavras indígenas. Quando comecei minha luta, sempre falei com autoridades, presidentes, chefe dos Estados



EUA, defendendo todos os povos indígenas. Eu falei para que eles respeitem todos nós indígenas. Eu estou muito cansado, hoje, porque há muito tempo que eu estou lutando assim. Eu não sei se vai ter alguma pessoa que vai continuar com essa luta, com esse meu trabalho. Eu não sei se vai ter alguém do meu povo ou de outro povo que vai continuar com esse meu trabalho porque realmente estou cansado. Nós que estamos em distinto território, estejamos atentos porque vamos ter novas ameaças dos brancos. Então é hora da gente se unir novamente. Eu peço aos brancos também. Eu queria que os brancos fosse bom como nós. Assim como eu penso no Bem Viver indígenas, eu peço para os brancos também pensarem. Então por quê? Porque eu também recebi tive visão de que o nosso criador esteve comigo me falando para eu ser bom com as pessoas. Então eu sigo esse esse meu trabalho assim porque quando estamos bem a gente está bem com a nossa família, nos alimentamos bem e dormimos bem. Quando temos problema a gente não não tem esse momento. Então eu peço que nós indígenas a gente não fique criando conflito entre nós. Temos que nos unir em paz, está junto. É isso que eu tenho para falar para vocês. Não sei se muitos vão aceitar o que eu tô falando, mas é o que eu penso

e eu penso para vocês também. Então desejo um bom dia para todos um abraço para todos.

Após o encerramento da fala do Cacique Raoni, o mediador passou a



palavra para os demais membros da **Mesa de Abertura** que era composta por representantes da UPEI, CNPq, CAPES, FUNAI, MDA, MCTI, SECADI, UNE,

FNEEI, ANPG, FIOCRUZ, UFPI, UNICAMP, UnB, MPI, MDH, APIB, pela Dep. Fed. Célia Xakriabá, Raoni Kayapó, Txai Suruí, Embaixador da Bolívia e pela poetisa Eliane Potiguara.

A mesa de abertura foi coordenada por Arlindo Baré e Célia Xakriabá. Ressaltamos que todas/os as/os representantes das entidades presentes se comprometeram com a Luta dos/as indígenas, indicando que abrirão novas portas para apoiar a entrada de novas/os estudantes no Ensino Superior. Foi destacado, também, a importância desse evento está acontecendo na sede do CNPq.



Em seguida inicia o primeiro painel do dia com tema “**Justiça Climática, Ciência Indígena e Cosmovisões Ancestrais**. Para esse painel tivemos como expositores Raoni Kayapó - Brasil, Txai Suruí (Brasil), Luiza Pelaz Córdoba - Colômbia, Roger Adan Chambi Mayta - Bolívia. A mesa foi coordenada por Álvaro Gonzaga.



Essa mesa destacou que a Ciência Indígena são as florestas, são os biomas, são os territórios, são as culturas, são as vidas indígenas que protegem o planeta para sua sobrevivência e a **Pachamama** como divindade máxima da cultura andina da “Mãe Terra”. Não haverá justiça climática

sem a ciência indígena como conhecimento que tem suas próprias lógicas, métodos e epistemologias sobre outras medidas na construção de uma vida desde a américa latina. Nós povos indígenas estamos com nossas raízes fincadas na América Latina, e, é a partir de nossos territórios e de nossas experiências em nossas universidades públicas e universidades indígenas que marcamos nossa intenção com objetivo fundamental de fortalecer a ciência indígena no cenário latino-americano, nacional e internacional como condição para sobrevivência da humanidade. Foi ressaltado, também, como a Ciência Indígena pode, através da sua experiência, ensinar como superar os problemas atuais causados pela exploração dos recursos naturais.

Dia 21 de março de 2024



Iniciamos o dia com o painel “**Pesquisa e Ciência Indígena: pesquisadores indígenas e os dilemas da iniciação científica e do acesso à pós-graduação no Brasil**”. Estavam na mesa para o debate Edson Kayapó - Doutor do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relação Étnico Raciais - PPGER/UFSB, Danúsia Arantes Ferreira - Profª Dra. - Transição Energética Justa - CPTEn/Unicamp, Lorena Araújo Tariana – Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA/UFAM , Neto Potiguara - Doutorando em Física. O painel foi coordenado por Rose Tuxá e Ana Lúcia.

Foi destacado inicialmente pelo presidente da UPEI que, na luta por espaço conquistado, hoje temos o Ministério dos Povos Indígenas (MPI). Esse ministério é ocupado pela nossa parente indígena Sônia Guajajara. Além disso, temos a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), onde a parente Joenia Wapichana é a primeira indígena a presidir a instituição. No entanto, ainda almejamos conquistar a Secretaria de Educação Indígena no Ministério da Educação (MEC), pois isso consolidaria as lutas das nossas grandes lideranças pela educação. Já contamos com a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), ocupada pelo nosso parente Weyber Tabela. No entanto, na área de educação, ainda falta um espaço que atenda às necessidades específicas dos povos indígenas. Agora, passo a palavra a vocês para debatermos sobre pesquisa, Ciência Indígena e os desafios da iniciação científica e do acesso à pós-graduação no Brasil. Nesse painel foi destacado a importância dos estudantes indígenas estarem neste espaço, no lugar da pesquisa, no CNPQ. Isto representa muito da movimentação que esta nova conjuntura do governo representa. Os diálogos deixam de ter intermediários e passam a ser feitos diretamente conversando com as instâncias de

tomada de decisão e assumindo propriamente a tomada de decisão. A academia tem um papel de fortalecer esse diálogo que está muito longe de atingir o lugar ideal dessa relação. Destaca que as/os indígenas estão prontos, preparados e desejosos de estar na academia, mas academia, as instituições não estão prontas e nem preparadas e, infelizmente, é nem todas as pessoas das academias estão desejosas desse diálogo. A bem pouco tempo o Brasil iniciou a discussão sobre o racismo institucional na academia no Brasil. Seja com a população negra e muito menos com a população indígena. Muitos problemas foram apresentados no que se refere ao ENEM, à avaliação das pesquisas desenvolvidas pelos/as indígenas pelos comitês de ética. A universidade tem se preocupado com isso e desde o ano de 2019 vem tentado algumas estratégias para mudar essa relação. Foi criado o Projeto que chama “Vozes indígenas na produção do conhecimento”, produção de audiovisual. Foi destacado, também, o quando é perceptível nos relatos trabalhos produzidos pelos/as indígenas, as dificuldades de ocupar os espaços acadêmicos e estabelecer uma relação mais próxima. É importante fortalecer e lutar pelas cotas que hoje existem. É a presença nesse espaço que vai impor o conhecimento indígena, a valorização da cultura e o respeito ao modo de vida indígena. “Esse é o legado para o futuro. Vários outros indígenas vão ter acesso à graduação, talvez com menos preconceito do que a gente, com mais facilidade, não precisamos sofrer” (Amina, 2024).

Nesse painel foram destacados pontos que chamam atenção para a falta de infraestrutura e pedagógicas das universidades para receber a população indígena, a ausência de bolsas e editais para indígenas, ainda, as dificuldades das/os próprios estudantes em se adaptarem e encontrarem seus lugares nos espaços da universidade já que esse espaço não foi pensado para incluir todas as diferenças e diversidades do povo brasileiro, como foi destaca na fala de Edson Kaiapó:

[...] quando eu entrei na universidade em 1991 na Universidade Federal de Minas Gerais, eu tinha vindo de uma trajetória Cristã de internato cristão, parece uma história assim do século XVI do Jesuítas. Os jesuítas pegavam as crianças levavam para os seminários e eu tive essa experiência, não no século XVI. Como a história tem as suas permanências. E aí quando eu entrei na universidade enfrentei uma série de problemas, não tinha nem dinheiro para comer e nem aonde morar. Eu tive que me virar assim nos 30 e aí lá na UFMG. Eu entrei com uma rapaziada e uma moçada para ocupar um hospital antigo dentro do *Campus* de medicina da UFMG era Hospital Borges da Costa antigo Hospital do Câncer que estava desativado e nós ocupamos e lá foi onde eu passei uma boa parte do meu tempo de estudante de graduação morando eh numa sala que era chamada de ala de pacientes em estágio terminal. O hospital era organizado em alas, era um hospital bem antigo, o clássico prédio. Aonde eu consegui moradia e encostada nesse prédio tinha um restaurante universitário com alimentação de preço que eu conseguia dar um jeito para pagar e fui virando por ali. Essa era uma das questões. Mas tinha uma outra coisa que era assim: Eu

era Cristão, estava cristianizado e a doutrina estava muito forte na minha cabeça e no primeiro semestre do curso de história, eu tive uma disciplina chamada arqueologia geral com um professor francês chamado André Cruz, muito competente e o André Cruz é extremamente revolucionista. Ele é extremamente didático e altamente competente. Eu percebia tudo isso, mas mesmo angustiava muito porque não era o que eu acreditava, sabia? E aí eu via muitas vezes no André Cruz um demônio porque ele falava de coisas que tá tudo errado. Não é isso de tá tudo errado porque ele falava dos problemas ainda que eu tinha que ler uma série de textos e livros artigos livros sobre essa prática e depois fazer provas escritas sobre o tema e não podia obviamente na prova do professor André Cruz falar sobre criacionismo. Eu tinha que falar na perspectiva evolucionista, mas sempre eu me saía ali pelas conclusões dizendo assim, mas eu não acredito em nada disso, né? O Curioso é que no final do primeiro ano do curso eu já me identificava como ateu e anarquista. Olha que louco, eu era anarquista e militante do movimento estudantil. Os cristãos me ensinaram na internato a oratória. Eu fui treinado para oratória e essa oratória foi uma arma muito potente para fazer mobilizações de assembleias de estudantes e fazer revolução. Essas coisas que nós gostamos de fazer.

Foi destacado, ainda, a história de violência praticada contra os povos indígenas e pensar sobre a reparação que o estado brasileiro tem que fazer é afirmar que a quantidade de bolsas e programas ainda é mínimo, insuficiente. Os povos indígenas tem demonstrado disposição de dialogar com a ciência e de fazer um diálogo partindo do princípio de que a ciência não tem dado conta de resolver os problemas sociais e que há possibilidade da ciência ser realizada no outro formato. De acordo com Edson Kaiapó as instituições que fazem esse movimento de desobediência epistêmica tem que unir forças em favor dos projetos educacionais e programas de bolsas e pesquisas para os povos indígenas dentro das Universidades com objetivo de proteger os povos indígenas por vários motivos um deles é que os povos indígenas são seres humanos de Direito e em segundo lugar porque os povos indígenas estão protagonizando nos seus territórios originários uma coisa necessária para a humanidade, destacou o palestrante. Foi relatado, também, a dificuldade das mulheres indígenas de adentrarem aos espaços das universidades, pois, as universidades brasileiras não possuem uma política de acolhimento das estudantes com filhos/as, dificultando a permanência delas em seus cursos. Nesse sentido, foi destacado a importância da interiorização das universidades e a criação de universidades indígenas para facilitar o acesso. Além de ampliação de bolsas e editais específicos.

Foi destacado pela representante da Associação Nacional de Pós-Graduação que numa pesquisa realizada pelo CNPQ, na qual 2.500 estudantes de pós-graduação responderam, que destes apenas 9 pessoas eram indígenas, destas cinco eram mulheres e quatro homens e estavam em programas nos estados Campinas, Belo Horizonte e Manaus. A representante ressaltou que existe uma política de incentivo

para os/as indígenas, mas é muito restrita dentro das Universidades. É uma demanda da ANPG e uma luta junto à política de cotas, com acesso e permanência.

Na parte da tarde do dia 21/03 aconteceu o **Painel** com o tema “**Estado Plurinacional, Políticas Indígenas e Bem Viver**”. Fizeram parte dessa mesa a indígenas o Indígena Aymara - Ivan Apaza Calle, da Bolívia, Indigena Terena Eloy Terena, do Brasil e a Indígena Puruhá - Viviana Alexandra Collaguazo, do Ecuador e para mediar a exposição e o debate Roger Adan Chambi Mayta, da Bolívia.

Nessa mesa tivemos como destaques a crítica ao direito eurocêntrico que ao invés de proteger a população indígena deixa sua marca de repressão e de dominação, causando uma compreensão, América Latina, numa perspectiva ambivalente. Existindo, portanto, dois modos de compreender o direito. Por um lado, não querer cumprir as leis, as normas e, por outro, não obedecer porque elas demonstram interesses específicos burgueses. Se por um lado a tendência é de negar a normativa, não cumprindo a lei, por um lado outro lado, devemos nos indignarmos diante dos problemas que ela causa. A Bolívia, ao criar um Estado Plurinalcial propõe uma descolonização dos modos de ler a Lei e de interpretá-la, fazendo uma crítica à cultura jurídica colonial. Essa proposta propõe descolonizar o Estado do seu próprio isolamento teórica. Reestruturar e descolonizar o Estado deste sua própria institucionalidade, permitindo a presença de diferentes indígenas, organizações sociais, setores sociais, acadêmicos, empresários, mulher em contraposição a um modelo constituinte dominado historicamente pelas pessoas brancas. O Estado plurinalcial reconhece os povos indígenas em suas diferentes etnias, linguagens e representação cultural e territorial, negando a constitucionalidade que propõe o Estado Nação.

Outro aspecto importante destacado foi que, no Brasil, essa ideia de plurinacionalidade não é tratado, é uma palavra evitável. Se evita falar e os os governos evitam e proíbem a fala. Quando se falava em territórios, também, era proibido falar porque remetia à ameaça a soberania territorial do país. Quando se trata de ameaçar à soberania, a autonomia era comprensível, mas a autodeterminação não era aceitável. Ainda temos um estado brasileiro profundamente colonialista tutelar em que a voz indígena, quando se chama para dialogar é para fazer de conta porque os indígenas falam até gritam, mas o estado não houve. No Brasil se preserva essa ideia de multiculturalidade, uma língua língua nacional. No entanto, temos mais de 200 línguas indígenas, mas oficialmente é uma língua, a língua portuguesa que não é nem dos brasileiros. Há um território e uma epistemologia, uma ciência indígena que deve

ser considerada porque sempre fizeram uma política indigenista autoritária violenta que considerando os indígenas como ameaça à soberania territorial brasileira, principalmente, os povos indígenas das faixas de fronteiras sempre denominadas pelas Forças Armadas como ameaçadores da soberania da Amazônia.

Foi destacado, também, que a realidade brasileira indicava o extermínio da população indígena que nos último mandato foi reforçado pelo conservadorismo e pelo bolsonarismo. Temos, ainda no Brasil, uma elite econômica, o agronegócio que é profundamente antiindígena, antiambiental antidireitos humanos, representada pela aprovação no Congresso Nacional do Marco temporal que é basicamente o impedimento de continuidade de demarcações de terras indígenas. Há um reconhecimento de que esse quadro está mudando, está em processo de transformação deste a Constituição de 1988 e, hoje, representada pela criação do Ministério dos Povos Indígenas, eleição de parlamentares indígenas e pela presidência da FUNAI. Outro avanço é no campo da educação, hoje tem mais de mil indígenas na pós-graduação e um número elevado na graduação.

Esse painel teve a participação do Movimento Airacuna, movimentos de mulheres indígenas que ao se ao denominar o primeiro movimento plurinacional, no Brasil, destacou a importância de se viver os princípios da coletividade, da pluralidade e da espiritualidade partido do pressuposto de que o estado não tem o poder de nos emancipar de nos libertar, mas podemos fazer isto através da emancipação do pertencimento coletivo ancestral porque quem conduz os nossos atos são os nossos antepassados muitos foram esfoliadas da sua consciência de pertencimento ancestral, mas não foram esfoliadas da sua ancestralidades porque ninguém aqui material tem poder algum para arrancar uma árvore que está fincada em terrenos imemoriais. Romper com a tutela do Estado não é fácil, mas é um desafio porque emancipar as mulheres é romper com o sistema político, exige sairmos dos nossos lugares de conforto. Não basta dizer que uma pessoa é branca porque a gente sabe que o sangue dela tem sangue de negros d indígenas, mas não é sobre genética, apenas, é sobre a emancipação do teu pertencimento, da tua consciência de pertencimento ancestral que nunca é individual, é sempre coletivo.

Dia 22 de Março de 2024

O dia 22 iniciou com a discussão “**Estratégias de Articulação entre ciência indígena e ciência acadêmica**”. Para esse Painel Arlindo Baré destaca a importância da participação da mulheres indígenas e mães. Ressalta que a UPEI insistiu na participação das estudantes mães tem suas peculiaridades porque vem para universidade com seus/suas filhos/filhas e a a universidade precisa entender essa especificidade. Quando as estudantes indígenas chegam na universidade com seus filhos/as, com suas família, a ideia é mostrar que é necessário pensar esse espaço com as especificidade que exige para garantir não só a entrada de pessoas indígenas no Ensino Superior, mas também é primordial pensar estratégias para a permanência e para manter verdadeira essência de ser estudante indígena e ser pesquisador. Outra questão é que as/os estudantes tivessem a oportunidade de, na escola, estudar a história do movimento indígena no Brasil. Na universidade as/os jovens indígenas se aproximam dos conhecimentos enquanto que permanecendo em suas comunidades ficam isolados e não comunicam seus saberes. Dai a necessidade de se organizar o movimento estudantil indígena para discutir estratégias para inclusão de todas/os nesse universo. Nesse sentido, a UPEI se articula com diversas entidades para garantir suas estratégias, inclusive para questionar a ciência ocidental a partir da visibilidade da ciência indígena. Se articula com a FIOCRUZ, Ministério da Ciência e Tecnologia, CAPES, CNPQ, dentre outras. Além da UPEI, as/os estudantes indígenas estão em processo de criação da primeira organização nacional de pesquisadores/as indígenas do Brasil.

Nesse painel, foi ressaltado que o Brasil vive um período histórico por duas razões, primeiro porque o povo brasileiro, a nação brasileira passa por um momento de refundação, um momento de busca de sua verdadeira identidade. A criação, pelo presidente Lula da Silva, de um Ministério dos Povos Indígenas e o ato do presidente Lula subindo a rampa do Planalto ladeado pelo Cacique é que o símbolos desse esforço de busca de uma nova identidade para a nação brasileira, uma identidade na qual temos a presença dos povos indígenas que foram espoliados ao longo de séculos, a presença dos povos africanos que foram trazidos e escravizados e dos próprios europeus que viraram agricultores/as e operários imigrantes que vieram trabalhar nas indústrias brasileiras.

Como membro da mesa, nesse painel, o senhor Olival Freire Júnior da Diretoria Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) afirma que o CNPQ como casa da ciência brasileira assume um compromisso com os estudantes indígenas e vai discutir as reivindicações e comprehende que a reivindicação central é o problema das bolsas tanto de iniciação científica como de pós-graduação, mas o compromisso maior é que o CNPQ se transforme em uma casa do diálogo entre o conhecimento científico e o conhecimento tradicional milenar dos povos indígenas brasileiros.



O Cacique Raoni destacou que aprendeu a falar a língua portuguesa com os irmãos Vila Boas, e que ao aprender a língua dos brancos a utilizou para poder falar com autoridades, o Presidente reivindicando que os brancos respeitem essa nova geração e parem com essas práticas de matança contra indígenas. Essa é a luta. Demonstrou uma preocupação com a continuidade da luta em defesa dos indígenas depois que ele deixar todos/as. E afirmou que enquanto estiver entre todos/as, irá continuar falando, afirmando que os brancos respeitem os indígenas e deixem todos/as viverem em paz.

Após a saudação do Cacique Raoni, passamos a ouvir a palavra do Dr. Aiton Krenar que descrevemos a seguir:

Bom dia. Bom dia a todos parentes queridas, queridos irmãos, amigos mestres. Nós estamos, como disse a nossa querida Eliane Potiguara numa ambiente tão cheio de expressão e de sentido que mesmo que nós tivéssemos aqui sem fazer nenhum discurso a nossa presença já estabelece um outro tipo de atmosfera. Isso é muito bom. Eu quero saudar o nosso jovem acadêmico Seribi pela disposição, pela capacidade que ele tem de acolher e expressar essa nosso sentimento coletivo de estarmos experimentando um tempo novo na história dos nossos povos. Essa plurietnicidade, essa diversidade de povos que nós expressarmos, de alguma maneira o nosso querido Seribi consegue de uma maneira espontânea ressaltar essa diferença e ao mesmo tempo colher todo mundo. Parabéns por essa missão que ele assumiu especialmente nesse contexto de ser o nosso Mestre de Cerimônia. Palmas para o seres vivos, maravilha cumprimentar o nosso anfitrião, né? Achei um gesto muito adequado e engajado na realidade do nosso país que o doutor Olival esteja aqui na mesa nos acolhendo fazendo essa fala que abriu essa manhã, se comprometendo com uma agenda do CNPQ no acolhimento das demandas que esse encontro trouxe para o debate porque nós podíamos ter uma pessoa

aqui é simpática, mas que não se comprometeu esse com essa agenda. Então nós queremos agradecer a esse gesto de cidadania ativa, de estar aqui junto com a gente dizendo nós vamos juntos e lembrou a importância do nosso chefe Raoni na história do nosso país na história política do nosso país quando mencionou o tempo que nós estamos vivendo agora de retomar questões sociais políticas sociais compromissos do estado brasileiro com os povos indígenas que tinham sido absolutamente sido tratoradas por uma administração antiindígena. Agora nós temos um compromisso de um presidente da república com todas as dificuldades que implica isso corresponder aos nossos esforços de avançar como nós não somos mais tutelados, nós também temos que tomar iniciativa de dar um passo à frente para que o estado se obrigue a reconhecer historicamente nossos povos foram tutelados pelo estado brasileiro e na condição de tutelados pelo estado brasileiro, nós ficavam sempre atrás esperando que o nosso patrono mandasse a gente andar um pouquinho ande venha nós não vamos mais esperar que o estado brasileiro promova políticas para nós nós temos que obrigar o estado brasileiro avançar além da suas digamos constitucionalidade os estados nacionais têm obrigação nas suas constituição a nossa Constituição Brasileira, ela obriga o estado algumas ações em nosso favor, mas nós não podemos esperar que as instituições do Estado inclusive o CNPQ que é uma instituição do estado brasileiro. Nós não precisamos esperar que eles façam por nós nós temos que avançar propostas no campo da pesquisa no campo de estabelecer outros lugares. Como disse o nosso querido Presidente da União Plurinacional dos Estudantes indígenas no Brasil, eu não sei se eles acrescentar no Brasil ou se ficou só é até a plurinacionalidade porque nós estamos nos relacionando com a América Latina e talvez fosse interessante que esse no Brasil levasse em conta essa pluralidade Ampla não só no contorno do mapa do Brasil, mas para além do mapa do Brasil, né? Abrir para essas relações de cooperação internacional abrir para relações com Unesco. Com esses Fundos internacionais e que o CNPQ possa junto com as nossas iniciativas Abrir também para essa perspectiva ampla para a gente não ficar confinado nas relações institucionais, porque nem sempre as agências do estado brasileiro estão comprometidas com o nosso destino, em alguns momentos as agências do estado brasileiro atende a prioridades dos partidos, da realidade local, do momento histórico. Recentemente a gente teve um presidente que gostaria de ter acabado com todos nós. Então a gente não pode entregar tudo na mão do Estado, nós temos que atentar que muitas iniciativas têm que ser nossas. Nesse sentido amplo coletivo que a nossa querida Eliane Potiguara ressaltou de ser uma ser uma pessoa coletiva, pensar coletivamente. Se nós pensamos coletivamente, nós podemos considerar que a gente tem uma presença tão ampla no país inteiro que a gente pode incidir sobre todas as instituições de pesquisa, não só o CNPQ, mas nas nossas deputados também, tem Fundações instituições de pesquisa. Então a gente pode buscar também acessar esses lugares, acessar esses espaços, acessar, inclusive os recursos institucionais para que a gente possa fazer pesquisa. E Ciência é pesquisa. Eu deveria estar dedicando uma parte da minha fala agora a cumprimentar todo mundo, mas agradeço a acolhida que o Seribi já fez porque daí ele deixa um espaço privilegiado para minha comunicação com todos vocês sobre o que eu posso contribuir nesse momento histórico de estabelecer uma nova é um novo lugar de representatividade que tá sendo

chamado de União Plurinacional dos Estudantes. Eu acho que é um passo tão importante que tem correspondência com um evento histórico foi quando o movimento indígena na pessoa de queridas como o nosso Max terena e de Arruda e Carajá. Eu lembra. Ainda de outros jovens Paulo, Bororo, os jovens Xavantes que estavam no final da década de 70 e 80, aqui em Brasília. Eles criaram a primeira ação semelhante a esse gesto que está sendo registrado aqui, hoje. Eles propuseram a criação de uma União Nacional dos Estudantes indígenas aqui em Brasília. Quer dizer o precursor do movimento indígena moderno no Brasil. Então nós não podíamos deixar essa história passar sem referência e honrar o sonho daqueles jovens com 18, 19 e 20 anos que estavam aqui em Brasília estudando com muita dificuldade. Muitos deles não tinham outro lugar para morar, senão a casa do índio. Então eles moravam na casa do índio trabalhavam e faziam faculdade estudavam aqui em Brasília. Foram eles que se atreveram a dizer que iam fazer um movimento indígena que reunia pessoas de outras regiões do país das lideranças das Aldeias. Na época saiam fazendo debates, em assembleias regionais promovidas inclusive pela Pastoral indigenista. Era a única agência, a única instituição que bancava encontros e assembleias indígenas foi daqueles eventos que surgiu o embrião do movimento indígena. Devemos honrar aqueles que vieram antes de nós nesse campo de interação entre o mundo e os nossos territórios e o mundo das instituições dos brancos. Como o Seribi mencionou há uma correção na linguagem. As pessoas também passaram a chamar os brancos de não indígenas que é uma outra inovação nos termos de tratamento entre. Entre as nossas diversidades chamar os nossos irmãos não indígenas por um termo que não seja tão ofensivo. Quando chamar eles de os brancos? Mas isso também revela uma história social que nós carregamos até o século XXI e com traumas que exige que alguns mergulhem tão profundamente para poder resgatar essas memórias. Não podemos deixar para trás nenhum gesto que foi feito no caminho para que a gente pudesse estar hoje aqui nesse auditório com essa formalidade que esses ambientes supõe estabelecendo um diálogo entre ciência. Essa ciência é aquilo que nós trouxemos da nossa própria cosmovisão que é anterior a uma observação do mundo, como fazem os naturalistas como fazem exatamente as ciências naturais. Nós trazemos essa diversidade de conhecimentos que, nos últimos 20 anos, foi admitida e atribuído um valor. Como saber que são saberes tradicionais? Acerca de 15 ou 20 anos atrás algumas instituição do estado brasileiro estabeleceram um reconhecimento aos mestres da cultura, aos mestres dos saberes, um gesto muito lento. As instituições do estado brasileiro passaram a reconhecer em nossas ciências algum valor quando chama de saberes. Alguém pode entender que saber não é a mesma coisa que ciência. Os saberes pode ser um conjunto de práticas, de experimentos, de exercícios permanente dentro da cultura onde o domínio desses saberes permite a uma comunidade a um povo ou até mesmo um país se auto governar, conduzir a sua vida dá conta de si, mas ele não vai permitir que essa comunidade esse país faça intervenções relevantes no mundo, que ele vai ser sempre como uma pequena biosfera onde tudo acontece no seu próprio âmbito, mas ele não se comunica com o lado de fora. O que o acidente considera ciência é a capacidade da gente fazer esse exercício dessa biosfera, desse ambiente, dos saberes com o exterior estabelecer relações com o que acontece externamente ao nosso mundo para os povos originários, sejam os povos indígenas chamado indígenas ou povos

originários fazer esse trânsito dos saberes para ciência significa, sim ajustar os termos da nossa relação com o mundo, com o mundo exterior exatamente, com esse mundo que nós chamamos que é da sociedade não indígena. Os nossos próprios conhecimentos são suficientes para dar conta da nossa existência. Às vezes eu faço uma comparação com a escrita. Muita gente achava que o fato do Brasil ter um grande número de pessoas que não tinham escrito, que não dominavam a escrita e qualificava isso de analfabetos e o Brasil como um país subdesenvolvido e muito subordinado a um pensamento colonizado. O querido Cristovam Buarque que foi governador do Distrito Federal, Senador, mas também foi ministro da educação. Em seu primeiro discurso ressaltou que o Brasil em 10 anos precisava acabar com o analfabetismo. Eu pensei: Nossa! O professor Cristóvão uma pessoa tão esclarecida, como ele comete um equívoco tão grande de achar que quem não passou pelo letramento é menos sábio, é menos capaz do que alguém quem escreve. Então esse erro de avaliação que aquela época o nosso Ministro da Educação externou me deixou com a impressão de que nós somos tão colonizados que desvaloriza a nossa ciência. Nós, o povo brasileiro, somos tão colonizado que despreza a própria ciência. Quer dizer a ciência é que sustentou a existência de alguns povos durante dois mil anos dentro da floresta. Num debate público uma vez com autoridades brasileiras que achavam que os Yanomami não podiam ficar no território deles na floresta que era muito grande muita terra e o que os enormes eram muito ingênuos e simples e que eles não podiam viver naquela terra. Eles precisavam ser geridos por alguma coisa daqui do estado brasileiro. Eu disse bom tinha um ministro na conversa. Eu disse como vocês acham que os Yanomamis viveram os últimos dois mil anos sem nenhum de vocês lá? Como que os Yanomami conseguiram dar conta de ser uma sociedade equilibrada ecologicamente e competente para gerir seu território, não extinguiu nenhuma espécie, não envenenou as águas do rio, não vivem em conflitos entre si, não existe nenhum índice de criminalidade, é zero. Durante dois mil anos eles foram capaz de se auto governar. Por que que vocês acham que eles precisam ser administrado pelos não indígenas pelas instituições do Estado? Esse exemplo dos dois mil anos eu busquei os nossos parentes idosos para trazer o exemplo para vocês, mas ele poderia ser de todos os povos que chegaram até o século 20 vivos dentro da floresta porque os que não estavam dentro da floresta foram aniquilados. A colonização entrou pelo litoral e foi passando o rodo em todo mundo. A nossa querida, professora Eliane, lembra? Os nossos parentes da Mata Atlântica, os Tupinambás foram os primeiros a serem dizimados. A marcha continua para dentro, para o Oeste. Você ouviram que o chefe Raoni falou evocando uma memória de antiguidade que não fica longe de mil anos, 2000 anos. Qual instituição dos não indígenas é capaz de evocar memórias de mil anos, 2000 anos? A ciência e as instituições científicas dos não indígenas datam da idade média. Os experimentos tecnológicos que a ciência dos não indígenas aportam ao mundo elas vieram da idade média quando eles acreditavam que nós estávamos orbitando no cosmos e que não tínhamos a possibilidade de nos organizar espacialmente em relação a isso que hoje a gente fala e todo mundo entende que é o universo. Esse conhecimento que já estava no que ele chama de mitos de origem, nas nossas narrativas e memórias. Os chamados mitos de origem dos nossos muitos povos conta quando o cosmos se ordenou para existir os

planetas, as galáxias e o próprio planeta terra. Nós temos uma narrativa sobre a origem desse planeta em diferentes idiomas. O Davi Kopenawa Yanomami naquele magistral livro “A queda do céu”, tornou público e amplamente difundido como esse esse planeta veio se constituir com seus rios, florestas com toda a vida e com toda a diversidade biológica a partir de um evento imemorial que é a cosmovisão Yanomami. Essa cosmovisão é anterior a tudo que ciência não indígenas conta. Ela é mais ancestral, mais antiga, por isso tem todo sentido evocar uma memória ancestral, evocar uma memória ancestral. A professora Eliane Potiguara falou de um mergulho porque ele é poeta, é uma escritora, mas sobretudo, é uma alma poética capaz de expressar nesses termos poético um mergulho ao mesmo tempo a geociênciça a entender que ela tá mergulhando na terra, atravessando a terra, atravessando o organismo da terra. Um mergulho no mais profundo para buscar sentido e isso que ela chama de uma memória ancestral que põe alguém de pé nesse mundo com o entendimento pleno de alteridade. As culturas dos nossos povos já tem essa sementinha como disse a Eliane, eu tenho uma sementinha da alteridade que tem relação com isso que a gente chama de identidade. Quando nós transitamos da nossa aldeia para Cidade, esse exercício que os jovens que estão nas universidades estão fazendo, tiveram que fazer muito cedo e alguns deles sofreram uma violência enorme por sair da Aldeia e ter que frequentar uma escola, entrar na no ensino superior, enfrentar todas essas estruturas. Essa saída deve dificuldades, barreiras para que a pessoa saísse desse âmbito de si mesmo e começasse a experimentar um contato com o mundo. É nesse lugar que muitos desses jovens tomam consciência da identidade porque até ali naquela fronteira, até ali naquele limite, eles vivem a vida deles e para eles não tem importância nenhuma essa questão identitária. Se ele tem uma identidade étnica ou não, assim como Seribi falou que o avô dele não tem preocupação sobre esse termo indígena ou índio isso para ele não diz nada, mas que os que estão aqui fora no campo das academias, dos debates políticos vão ser requerido a eles dizer vocês são indígenas. Qual o termo que eu posso usar para me relacionar com vocês? Se a gente estabelecer a relação entre os nossos antepassados nos deram de herança essa sementinha da identidade, essa sementinha da autoridade que você ter segurança sobre se deslocar no mundo sem se confundir com a cultura do outro, sem se intimidar com a cultura do outro, como disse a Luísa, sem em nenhum momento se sentir fora. Naquele instante você pode estar nesse lugar, você não precisa se sentir inadequado em lugar nenhum. Esse é o sentido que a nossa querida Luiza mencionou quando ela disse da experiência de estar aqui nesse encontro cheio de sentido e significado com pessoas que significam para ela e ao mesmo tempo se sentir à vontade nesse lugar, isso é a autoridade. Esse é um princípio muito importante nesse trânsito que nós estamos fazendo entre os saberes ancestrais e o campo do que a gente tá chamando de ciência. Se nós insistirmos em debates públicos que as instituições não indígenas admitam a nossa produção científica, nós vamos criar um ambiente de debate político com as instituições CNPQ, por exemplo que pode diminuir a eficácia do nosso esforço de transição. Até que a gente tem pesquisadores nossos dentro dessas instituições acessando os mesmos meios. As ferramentas que dispomos e que os povos indígenas vem fazendo desde que a gente ensinou uma ideia de movimento indígena lá pelos anos 70 e 80 é o de convencer as instituições não indígenas de que nós somos capazes de um diálogo

horizontal. Eles não precisam nos tratar como crianças e precisam tratar a nossa ciência como saberes. Esse é um reconhecimento muito bem-vindo, mas no campo dessas nossas relações entre sociedades diversas precisamos acessar o reconhecimento como ciência. Eu quero cumprimentar esses jovens que estão em universidades como a UNICAMP, a universidade de São Carlos, as universidade que estão lá no Sul, as que estão no Pará. Os indígenas que tiveram a coragem de passar pelo aperto que é ficar numa universidade pública, num campus de uma universidade onde não conhece ninguém, onde ele sofre todo tipo de bullying e discriminação. Não quero dizer ele tem que pular todos os obstáculos e ainda no fim fazer uma prova. Quero saudar vocês porque estão fazendo isso. Quero dizer que isso é muito importante, que todos vocês nossos sobrinhos, netos, como disse a Eliane, todos vocês vão obviamente serem citados e reconhecidos pelas gerações futuras porque vocês fizeram isso. Não só porque vocês saíram da Aldeia para enfrentar esse desafio, mas por que vocês fizeram isso coletivamente como foi mencionado aqui. Quase 60 mil indígenas que acessaram o ensino superior. No Brasil é uma coisa quase que inacreditável. Vocês podem ter certeza que a maioria do pessoal que acompanha a recente história dos povos indígenas no Brasil, vão dizer, mas como como que houve um verdadeiro revoada de indígenas das Aldeias para esses lugares esquisitos que são as Universidades e conseguiram sobreviver naquele ambiente hostil e muitos deles estão se tornando doutores. Alguns deles já estão com o mestrado, alguns estão fazendo pós-doutorado. Que fenômeno é esse? Isso pode significar duas tendências: uma é de duvidar que nós não fossemos capaz de fazer isso e que só seria possível para algumas pessoas. Algumas de uma etnia, por exemplo. Os indígena em relação a isso que eu estou mencionando aqui, devem pensar sobre o amplo campo da ciência ocidental. Quem sabe a gente deva considerar a importância no desenvolvimento desses debates que a gente discuta se nós queremos mesmo reivindicar um lugar específico da ciência indígena como algumas pessoas insistem em querer uma universidade indígena ou se nós achamos que a gente deve incidir no campo da ciência amplamente no sentido que tu quer a ciência contemporânea, a ciência do ocidente. Nós queremos incidir no campo do que o ocidente chama de ciência e não somente no lugar no qual nos identificamos, mas que o mundo não reconhece a nossa capacidade de inserção nos outros debates do campo da ciência seja na saúde, no campo da saúde humana, seja no manejo de outros organismos que não é o organismo humano, cuidar da vida selvagem, por exemplo. As espécies que estão nos rios sendo drogadas pelo mercúrio sendo predadas por todo tipo de interesse. Se nós queremos atuar nesse sentido, agregando os nossos conhecimentos as ferramentas da ciência, a gente tem que considerar que nós precisamos decidir é no campo da ciência ocidental. Sabemos que muitos jovens que estão nas instituições de ensino superior. Acham que nós deveríamos criar uma universidade indígena. Em algumas regiões do nosso país já existe até algumas iniciativas nesse sentido. Eu me lembro que há um tempo atrás o nosso querido Almir Suruí, do povo paetê, lá de Rondônia reivindicava criar uma base dentro do território Suruí que se associava a algumas outras instituições e queria que tivesse um reconhecimento para ser um Campus de uma universidade. Em outras ocasiões o nosso querido fundador dessa União do movimento indígena, nos anos final dos anos 70 80, Marcos Terena, chegou a articular aqui em Brasília junto ao Ministério da Educação, junto ao

Conselho Nacional de Educação um reconhecimento no âmbito do Ministério de Educação, da possibilidade de instituir uma comissão que ia criar uma universidade indígena no Brasil. Se queremos incidir no debate Global na questão do clima não podemos fazer somente nos nossos termos, só nos termos das nossas cosmovisões, só nos termos das nossas narrativas. Precisamos fazer essa inserção também nos termos do que as ciências ocidental considera considera válido para isso. Precisamos ampliar o campo do debate sobre como e qual investimento vamos ter para pesquisa. Não podemos ficar aqui uma década discutindo ciência indígena paralela a todo o desenvolvimento, a todo o avanço que as tecnologias das ferramentas da ciência ocidental apresentam. Elas vão na frente. Então os campos de pesquisa de conhecimento científico às vezes correm em paralelo por falta de coragem. No entanto, podemos ter alguma convergência, eles se cruzam. Podemos, também, começar a incidir em conversas em diálogo com os cientistas não indígenas porque é daí que sai reconhecimento. Enquanto ficarmos andando só na nossa trilha o reconhecimento vai ser demorado e nem e não tem um horizonte. Antes éramos um problema agora somos uma reserva moral. É hora de ampliar o entendimento dessa reserva moral. Na verdade essa chave nesse tempo crise é importante. Não tem só uma crise climática, temos uma crise de paradigma no ocidente. O que que é uma crise de paradigma é quanto o próprio ocidente começa a desconfiar que ele não tá fazendo a coisa certa e que não sabe muito bem para onde ir, que é preciso parar um pouco e observar a gente. Deveria saudar esse momento de crise de paradigma e considerar que é por isso que eles estão nos vendo. A crise de paradigma está tão aguda que se encaixa numa espécie de crise ética, uma crise moral, uma crise da certeza que o capitalismo imprimiu no mundo que bastava você ter ciência e tecnologia que tudo estava bem. O próprio acidente agora sabe que ciência e tecnologia não salva o mundo. Pelo contrário ciência e tecnologia pode estar eclodindo a vida no planeta. Esse tecnologia usada nos termos que o capitalismo supõe na vida do planeta criou uma crise de paradigma e estão olhando para a gente como se a gente pudesse ser uma reserva de alguma coisa. Nós temos que entender que o termo reserva moral, não é só no sentido ético, não é só porque nos Andes assim como lá no Himalaia em alguns outros continentes perseveraram povos que durante mil, dois mil, três mil anos conseguiram manter um modo de vida encaixado na terra, encaixado na ecologia de cada lugar. Se é uma montanha, uma altitude, ele produziu uma experiência social de viver naquele lugar Olha a arquitetura deles, olha, como que eles constrói suas cidades. Se você desce dos Andes e olha lá embaixo a bagunça colonizadora a bagunça, Colonial. Então quando você olha a infraestrutura de vida de povos que estão no Alto das Cordilheiras e olha a infraestrutura de sobrevivência dos que estão lá na planície, lá embaixo. Como que não conseguem ver que tem um outro jeito de estar no mundo. Se nós estamos falando de ciência, podemos contribuir a partir dos nossos territórios com exemplos de como está habitando um território de uma maneira equilibrada e não desequilibrada. Como é a vida numa cidade a gente tem que construir modelos que comparativamente qualquer uma criança que tá lá na escola olha e pensa que os povos que viviam aqui tinha um jeito de ficar aqui que podia durar mil dois mil anos sem virar lixão. As nossas pequenas cidades no Brasil inteiro é cheia de lixão. A entrada ou a saída de tudo quanto é cidadezinha é um lixão a céu aberto. Será que o geógrafos

indígenas, será que os arquitetos indígenas, os urbanistas indígenas, os engenheiros indígenas vão continuar assinando plantas de construir essa monstruosidade que são as cidades que viram cemitério que viram esgoto? Eu costumo dizer que se as nossas cidades fossem feitas com uma matriz de pensamento arquitetônico dos povos originários, se acontecesse um terremoto, se acontecer de alguma coisa grave o máximo que ia ocorrer é que o vento ia fazer as palhas voar e não um monte de pedra e montanhas e tudo atropelando as pessoas e afundando as pessoas em crateras como a gente vê nos eventos climáticos extremos, quando a gente fala dos eventos climáticos Estamos falando de uma realidade cotidiana, não é uma coisa assim espacial aérea, nós estamos falando de coisas práticas que é onde nós moramos, como nós moramos, os lugares que nós habitamos. Muito provavelmente nas nossas cidades, ninguém vai aguentar ficar dentro de um apartamento quando a temperatura tiver 50 graus. Vão sair correndo de lá. Então a pergunta é porque continuam construindo esses caixotes? Tem um texto meu o título “Fujam do Pesadelo de concreto” tem um outro título também mais simpático, “saiam dessa caixa de concreto”. São títulos do mesmo desenvolvimento de ideias onde eu mostro para os engenheiros e para os arquitetos que o que eles fazem são Pesadelos de concreto Eles derrubam as montanhas, comem as montanhas e depois fazem caixotes para você ficar lá dentro. Ninguém aguenta o calor dentro de um caixote de concreto com 50 graus lá fora. Então nós vamos nos tornar essa humanidade que habita caixotes com o ambiente artificial que ele dá uma saidinha lá fora e volta para dentro de novo. Como se ele tivesse habitando um outro planeta não a terra a temperatura do planeta Terra. Alguns negacionistas dizem que elas sempre sofreu alterações, mas os negacionistas tinham que levar em conta que quando aconteceu isso no passado muito remoto o planeta não tinha oito bilhões de pessoas. Nós temos 8 bilhões de pessoas que precisam morar, se deslocar comer cuidar da saúde. O Formigueiro tá ficando muito pequeno, a infraestrutura do país, do planeta inteiro tá ficando pequena. Então a ciência indígena tem que se expressar nesse campo, fazendo a crítica ao modo errado de habitar o planeta. Se herdamos dos nossos ancestrais um conhecimento que nos permitiu viver mil dois mil anos no lugar sem estragar, isso de verdade é uma reserva não somente moral no sentido ético, mas ela é uma reserva de ciência que pode servir a humanidade. Eu eu já disse num dos meus comentários que o modelo de cidade que o ocidente espalha pelo planeta. Ele nasceu há quatro cinco mil anos atrás na Grécia passando depois pelo Oriente Médio e a planta é a mesma. Se você olhar o trabalho dos arqueólogos no Egito no Oriente Médio mesmo na Itália, se você olhar as plantas arquitetônicas, elas não mudaram nada. Eu digo aos brancos que eles pensam a mesma casa há 4.000 anos, não conseguiram sair do quadrado. e longe da terra. A Patwamama que nas línguas próprias de cada povo sempre vai ter uma palavra que é amorosa que reverencia um organismo feminino imensurável que é próspero, que produz vida, que não para de produzir vida. Então isso é a mãe terra, a mãe Terra. Esse organismo que não para de produzir vida e é tão maravilhoso. Os cientistas mais críticos no final dos anos 70 e 80 acolheram a ideia de que o planeta é um organismo vivo. Alguns desses cientistas que estavam fazendo um projeto dentro da Nasa enunciaram um termo para nomear esse planeta esse organismo como Gaia. Termo emprestado do grego que tem a configuração de um organismo vivo. Então se você cortar um pedaço da

montanha você não está cortando uma coisa morta, você tá cortando um pedaço de uma montanha, você tá cortando o corpo, tá cortando o dedo dela a orelha dela. Então não desses debate público eu falei vocês cortam o dedo da mãe de vocês? a orelha da mãe de vocês e vendem no mercado? Áí eles disseram não mas isso é uma ofensa. Eu falei, mas ofensa é o que vocês fazem, é o que vocês reproduzem como modo de habitar a terra. Você habitam a terra como se ela fosse uma matéria plástica que você estica, puxa, dobra, puxa. A terra é um organismo vivo e nós somos microcosmos desse organismo vivo. Cada corpo nosso é uma parte do cosmos. Essa Compreensão é tão Ampla que a ciência do ocidente poderia se enriquecer muito com essa compreensão. Nós íamos passar a desenvolver um outro tipo de sociedade Global. A Terra é um organismo um organismo vivo e por ser um organismo vivo as mudanças climáticas seriam percebido como uma exigência de mudanças de paradigma. Nós tínhamos que criar um outro paradigma para pensar as cidades do mundo, a infraestrutura das metrópoles o modo de abastecimento. Somos um país que exporta tudo, que para produzir a gente precisa devistar o cerrado entrar na floresta e derrubar tudo para produzir o que o mundo quer que a gente entregue de maneira extrativista para o mundo, quando eu falo mudança de paradigma seria mudar, inclusive essa ideia de que tem um lugar do mundo que pode ser indefinidamente saqueado e que não vai acontecer nada. É óbvio vai acontecer uma tragédia. Essa tragédia é um envenenamento dos rios, a devastação da floresta, o aquecimento climático. Existe uma Amazônia muito mais no ideário de uma floresta em equilíbrio do que na realidade porque os povos que estão na bacia amazônica não podem mais comer o peixe que tá ali no seu rio. Os nossos parentes mundurucu tem dito que eles não podem comer o peixe porque muitos deles estão contaminados com mercúrio. Hoje, só tem sentido a gente reivindicar um lugar para ciência dos povos indígenas se tivermos em diálogo com a ciência ocidental, porque senão nós vamos criar um gueto onde a gente vai produzir muitos artigos, vamos publicar muita coisa para nós mesmos. É uma coisa que o campo da Ciência das Humanas quase que reivindicou para antropologia. Esse lugar de produzir para si mesmo nas últimas décadas. Basicamente a antropologia produz para si mesma a maior parte dos antropólogos e escreve para outro/a antropólogo/a. Então é uma ciência confinada. Eu estou criticando a ciência. Estou criticando o modo de fazer ciência. Uma ciência que olha só para si mesma. Uma outra ciência precisa olhar para o universo, para tudo ao nosso redor.

Para encerrar a parte da manhã, do dia 22 de março e encaminhar os trabalhos de grupo, Seribi Tucano agradeceu a contribuição do CNPQ, da Fiocruz, da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior, da Universidade de Brasília, da Universidade Federal do Piauí, do Fundo para Justiça Climática e da EQUIP - Escola de Formação de Quilombo de Palmares. Agradeceu a presença das pessoas que contribuíram para este evento. Agradeceu a professora Dra. Socorro Arantes da Universidade Federal do Piauí, Profa. Dra. Iraíldes, da Universidade Federal do Amazonas, ao nosso parente Aílton krenak, a doutora Eliana Potiguara e ao Cacique

Raoni. Seribi Tucano destaca “sem a presença dessas pessoas não conseguiríamos avançar com os nossos sonhos, com as nossas lutas porque é com eles e elas que a gente precisa dialogar, com as experiências deles que precisamos dialogar nesse primeiro Encontro Internacional em Ciência Indígena e Justiça climática entre a Aldeia e a Universidade. Isto com a nossa perspectiva, com a nossa lógica.

Com a nossa filosofia discutir ciência indígena e discutir Justiça climática é discutir com os pés dentro dos nossos territórios, com pé no chão dos nossos territórios [...] E para discutir a justiça climática, a gente não precisa discutir na perspectiva dos europeus. Precisamos discutir a ciência indígena e justiça climática na perspectiva dos povos indígenas, dos povos indígenas da América Latina, por isso trouxemos nossos irmãos da Bolívia e Ivan Aimara. Trouxemos a Luísa da Colômbia, a Leandra do Equador.



Para finalizar o I Encontro Internacional em Ciência Indígena e Justiça Climática: entre aldeias e universidades, a plenária foi dividida em 3 grupos de trabalho para discutir propostas sobre os temas Justiça climática e os dilemas da Iniciação científica, Justiça climática e os dilemas da pesquisa na pós-graduação e Justiça Climática e Dilemas da Extensão na ciência indígena. Após a discussão em grupo, os representantes do GT apresentaram as seguintes reivindicações:

ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

1. Política nacional - Vestibular indígena unificado, definindo as universidades com as suas condições enquanto políticas internas, alinhadas para o acesso e permanência (mediado por convênio e contratos);
2. Demanda de vestibular indígena para o Amazonas e demais regiões do país, pois o vestibular intercultural não atende a demanda das especificidades desejadas;
3. Garantir vestibular indígena já alinhando com as modalidades de bolsa permanência, PIBID, outras;
4. Garantir aos estudantes indígenas o direito de acesso e permanência dentro do próprio estado;

5. Articulação com o Conselho Federal de Serviço Social e o coletivos de indígenas assistentes sociais para construção de política nacional de assistência estudantil indígena;
6. Necessidade de construção de um espaço de ensino superior a partir da perspectiva indígena;

PESQUISA E EXTENSÃO

7. Edital de programa próprio indígena - PIBIC;
8. Critérios de inclusão que considerem as especificidades indígenas;
9. 100% de Bolsa
10. Ampliação de representação nas câmaras de decisão para enfrentamento do racismo estrutural;
11. Presença indígenas nas comissões de bolsas
12. Política Afirmativa direcionada para as mulheres mães indígenas (rede de apoio);
13. Inclusão de indígenas nas Câmeras da CAPES e CNPQ;
14. Processos de autorização de Comitês de Ética com as pesquisas: indígenas que pesquisam indígenas não precisam passar pelo comitê;
15. Explicitação dos processos e exigências dos comitês de éticas;
16. Exigências de bolsas afirmativas para todos os programas de pós-graduação - Cotas;
17. Cotas para programas de pós-graduação vinculadas às bolsas;
18. Cotas para professores/as indígenas em processos de seleção para professores/as substitutos ou titulares;
19. Editais específicos para pesquisadores/as e pesquisas indígenas com cotas para mulheres indígenas;
20. Criação de linhas de pesquisa próprias para indígenas;
21. Criação de linha de pesquisa de proteção de dados, integração cibernética e nanotecnologia para o avanço da ciência da informação;
22. Repositório Indígena unificado (TED das Universidades);
23. Criação de diretrizes de proteção de dados e conhecimentos ancestrais dos povos indígenas;
24. Inclusão do site do ENEI no domínio do CNPQ;
25. Exigência de Segunda linha na pesquisa e extensão;

26. Reconhecimento de línguas indígenas como segunda língua em processos seletivos de pós-graduação, e também, em projetos de extensão;

ENSINO

27. Bolsa diferenciada para indígena em questão de valores e levando em consideração o número de dependentes, no caso de estudantes mães;
28. Fomentar os convênios de intercâmbios indígenas com países no exterior, principalmente, na região da américa latina;
29. Criação de financiamento de pesquisadores/as indígenas para participação na COP;
30. Validação da língua indígena como 1^a língua;
31. Revisar e incluir o português como 2^a língua nas exigências linguísticas para candidatos indígenas, nos processos seletivos de pós graduação;
32. Validação das línguas indígenas nos exames de proficiência, com inclusão de conteúdos e participação de indígenas no processo;
33. Assessoramento em línguas portuguesa e outras para apoiar os alunos/as indígenas em todas as universidades, com foco especial no espanhol, com o intuito de promover a integração de pesquisadores/as indígenas da Abya Yala;
34. Incentivar os programas de ensino e pesquisa o uso da língua espanhola como língua estrangeira priorizada para integração regional;
35. Incluir na matriz curricular o ensino de espanhol para as graduações e pós graduações;
36. Incentivo para formulação dos programas e projetos de extensão que incluam a colaboração e participação de indígenas e das comunidades envolvidas;
37. Mudança de parâmetros de modo a favorecer a inclusão de projetos de docentes voltados para os povos indígenas nas coordenações e gestões participativas nos projetos;
38. Concurso público para professores/as indígenas;
39. Estabelecimento da inclusão de indígenas dentro da política de cotas para serviço público;
40. Prazos para editais para bolsas afirmativas;

41. Criação de bolsa de estudo diferenciadas para pós-graduandos indígenas que residem em áreas remotas e de difícil acesso geograficamente como de São Gabriel da Cachoeira;
42. Urgência de Novo Edital de bolsa permanência, com o objetivo de regularizar a situação dos estudantes já com cursos em andamento e, atenção aos novos estudantes, garantindo o edital por período;
43. A bolsa em tempo integral considerando o tempo que estudante estará na comunidade também dedicado aos estudos e trabalho;
44. Implementar imediatamente o PIBID Indígena para garantir a integração dos estudantes nas atividades de campo e, também, a permanência;

ARTICULAÇÃO E MOBILIZAÇÃO

45. Urgente organizar a mobilização dos estudantes no acampamento Terra Livre com a força do ENEI para defender a pauta do ensino superior e pós graduação;
46. Participar da próxima reunião ANDIFIS;
47. Por meio de edital, criar financiamento para apoiar os encontros acadêmicos de organizações formadas por estudantes indígenas (ENEI/CNPQ)
48. Financiamento de viagens de estudo, pesquisa, extensão para estudantes e professores/as;
49. Constituição de um GT Indígena no MEC/CNPq-MCTI voltados para fortalecimento do conhecimento ancestral e científico na formulação de políticas públicas de enfrentamento as mudanças climáticas;
50. Criação do Observatório Indígena para o Clima na América Latina;
51. Garantia de interiorização e investimento específico com fomento da CAPES para as universidades que estão interiorizando;
52. Criação de fomento específico para as universidades e IFs para cursos de pós-graduação interiorizados;
53. Garantia de validade dos cursos interdisciplinares para garantir a participação em concursos públicos para o nível superior;
54. Que as avaliações de nossas produções acadêmicas se deem de maneira diferenciada, por exemplo, que um evento realizado na Amazônia tenha o

mesmo valor que um artigo de um estudante do sudoeste publicado em uma revista do sudeste.

55. Que as bolsas no interior no Amazonas possuam auxílio moradia e/ou valor diferenciado, pois é sabido sobre os custos amazônicos serem bem maiores;
56. Criar o site para o espaço de consulta dos estudos, formação, pesquisas e base de dados do ensino, pesquisa e extensão;

Saiu na imprensa:

- Folha de São Paulo: Pesquisadores indígenas discutem justiça climática em encontro em Brasília

<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2024/03/pesquisadores-indigenas-discutem-justica-climatica-em-encontro-em-brasilia.shtml>

- Jornal de Brasília: Encontro Internacional de Pesquisadores Indígenas debate justiça climática e ciência

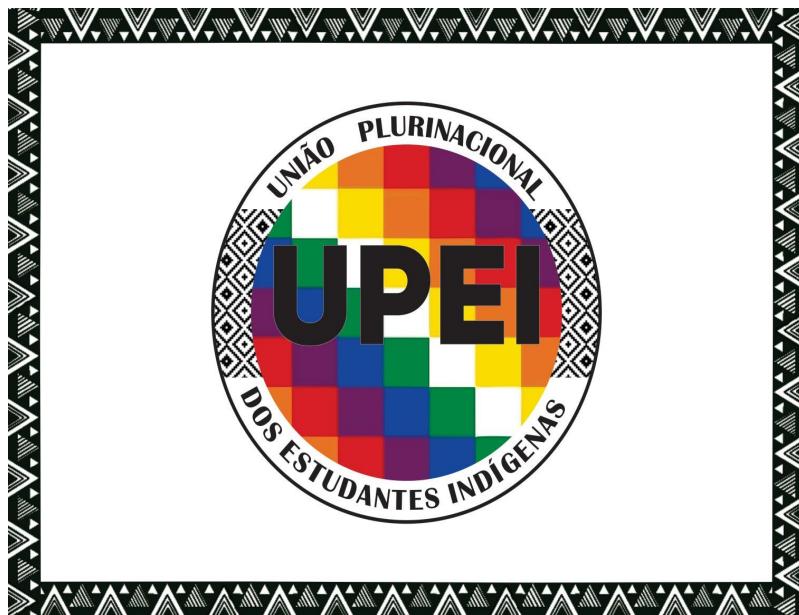
<https://jornaldebrasilia.com.br/blogs-e-colunas/analice-nicolau/encontro-internacional-de-pesquisadores-indigenas-debate-justica-climatica-e-ciencia/>

- <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2024/funai-marca-presenca-em-encontro-internacional-com-liderancas-pesquisadores-e-estudantes-indigenas-em-brasilia>

- Brasília Capital: Raoni, Txai Suruí e Ailton Krenak em Brasília

<https://bsbcapital.com.br/raoni-txai-surui-e-ailton-krenak-em-brasilia/>

Realização:



Apoios:

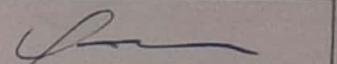
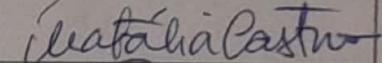
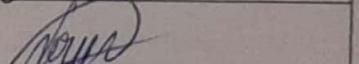
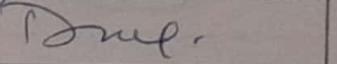
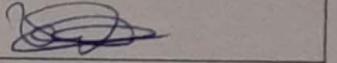
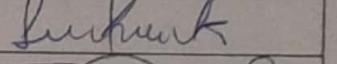
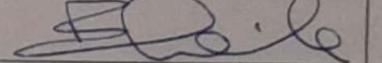
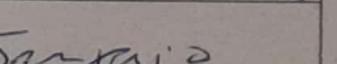


Lista de presença

Nome do evento: I ENCONTRO INTERNACIONAL EM CIÊNCIA INDÍGENA E JUSTIÇA CLIMÁTICA

Local: Auditório do CNPq de Brasília

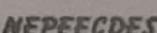
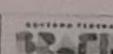
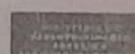
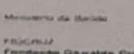
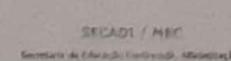
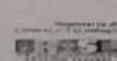
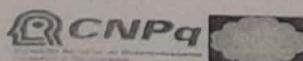
Data: 20/03/24

Nº	Nome	CPF ou RG	Local/UF	Assinatura
1	MIRIM JU YAN GUARANI	333 280 028-04	SP - DF	
2	Natalia de Castro	075771326 24	RJ - MG - RR	
3	FRANCISCO SÁVIO SILVA SANTOS	060.976.023-83	Aldeia Oiticica, Pimpéhi - PI	
4	Gurana W. Nelli Vilandi	069.830.032-80	Rio Janerio Fiocruz	
5	Lucas Gabriel Bastos	097.921.604 - 42	São Paulo	
6	Inimá Krenak	327 342 378 - 14	São Paulo	
7	VINCENZO LAURICOLA	519863372-00	Brasília, DF	
8	Luvan R. SAMPAIO	053.028.011-67	Brasil	

REALIZAÇÃO



APOIO

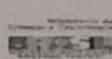
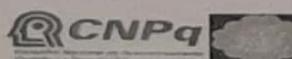


9	Hellen Paru'una Karukaiuri	3387052	DF	
1	0 Jane Mano Tannahr	731.379.337-53	AM	
1	1 Ana Claudia Martins Toma,	63787970215	AM / SP / UNICAMP	
1	2 Armando dos Santos da Cunha	901.356.442-98	PA / SP / UNICAMP	
1	3 Cícero Teles da Costa	(81) 99229-7171.	PA / UNIFESSPA	
1	4 JENNIFER C. PEINADO	884.007.002-87	SP / UNICAMP	Jennifer
1	5 Níciás Angélica Mauá	970 362 932-68	SP / Unicamp	Níciás
1	6 Tathiane Rhado Araujo	015.180.042-7	SP / Unicamp	Tath

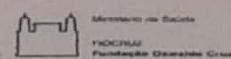
REALIZAÇÃO



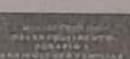
APOIO



SECADI / MEC
Ministério de Educação
Instituto Federal
de Educação
Científica e
Tecnológica do Paraná



Ministério da Ciência
e Tecnologia
Instituto Federal
de Educação
Científica e
Tecnológica do Paraná



Governo Federal
BRASIL
Ministério da
Cultura



NEPEECODES
Instituto
Federal
de São
Paulo



1 7	Karolynne Alencar	009.984.292-32	SIP/Unicamp Karol
1 8	Andréw Wijk M. Camargo	016.382.062-79	SP/UNICAMP <i>André</i>
1 9	Fabiane Antonio De Souza	473.813.578-85	SP/UNICAMP Fabiane A. De Souza
2 0	Geni Ushesca dos S. Benedito	060.045.602-19	SP/Unicamp Geni U. Santos
2 1	Janaina Pereira Vargas	037.198.412.27	SP/Unicamp Janaina P. Vargas
2 2	Walace Luis Adolfo	402.382.158-05	SP/Unicamp <i>Walace</i>
2 3	Imenia Rikudo Loureiro	912.679.362-34	SP/Unicamp <i>Imenia</i>
2 4	David Dobrowski Marinho	014.257.881-90	UnB/SES-DF <i>David</i>

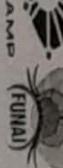
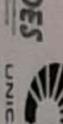
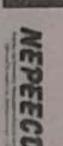
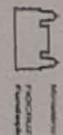
REALIZAÇÃO



APOIO



SEAD / MEC
Sistema de Educação Distância - Unidades
Federativas - Governo do Ceará



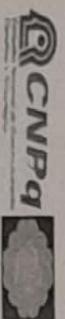
3

2				
5	Mayara Calheiros	061. 917.562-16	SP	Mayara
2	6 Kátia Roz Sampaio	3131589-5	SP	Kátia
2	7 JENNIFER REINARO	884.009.002-89	SP	Jennifer
2	8 Júmio Alfredo Rosado	342679562-34	SP/Unicamp	SOLO
2	9 Jane da Paixão	231.359.332-53	SP/UFSCar	Amado
3	0 Bruno Montinelli	081-082-217-09	DF	SOUL
3	1 José Manoel Araújo	19. 921512622	SP	S. Manoel
3	2 Nílde Gull e ouw Tahimba	141. 430.848-69	SP	Nílde
3	3 Anderson Góes da Silva Fuster	061.378.382-99	DI	Anderson

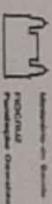
REALIZAÇÃO



APOIO



SECALD / MEC
Sistema de Educação Continuada, Inovadora e Inclusiva



PROJETO EDUCACIONAL
Principais Orientações Curriculares



NEPEECDES

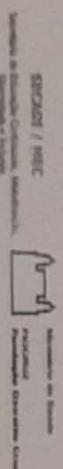
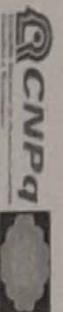


3	4	Inima Kunk	327 342 342 - 14
3	5	Tahsi Iahue Kunkura	092-342.464-04
3	6	Katassak Kunkura	085 315 431 08
3	7	Karim Ghielle Motos Braga	3566797-4
3	8	Squid A. Carvalho	03800314273
3	9	Severino do R. F. da S. Neto	058.345.054 - 73
4	0	Cristina Alejandra Olaran Manzo	402-485.332 - 72.
4	1	Fahane Tessa	009 16151989
4	2	Fadiemo Piuba	324.429.043 - 47

REALIZAÇÃO



APOIO



Lista de presença

Nome do evento: I ENCONTRO INTERNACIONAL EM CIÊNCIA INDÍGENA E JUSTIÇA CLIMÁTICA

Local: Auditório do CNPq de Brasília

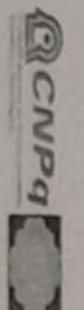
Data: 21/03/2024

Nº	Nome	CPF ou RG	Local/UFG	Assinatura
1	Deuelane Gammide Condino	072.755.372-06	SP	D. Deuelane
2	Fernando Silveira Sávio	060.976.823-83	Brasília	
3	Silviáneia Bonatto	035.579.982-02	SP	Silviáneia Bonatto
4	Jane Cláudia Natin Tomaz	63784970215	UNICAMP/SP	Jane Cláudia Natin Tomaz
5	Waldau P. Stohler	402.382.158-05	UNICAMP/SP	Waldau P. Stohler
6	Nicuésia M. Mameés	920.362.932-68	Unicamp/SP	Nicuésia M. Mameés
7	Robert Bonato	042.649.932.70	Unicamp/SP	Robert Bonato
8	Lucas Fabrício da Silva	097.921.604-42	IFCH/Unicamp	Lucas Fabrício da Silva

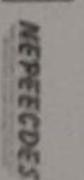
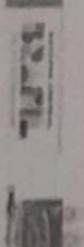
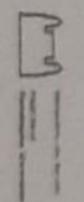
REALIZAÇÃO



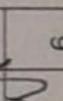
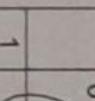
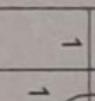
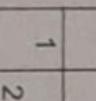
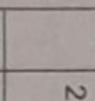
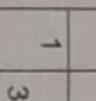
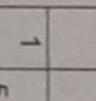
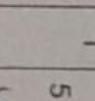
APOIO



KELLA / INIC
Instituto Nacional de
Inovação e Ciência



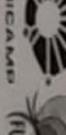
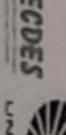
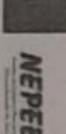
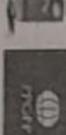
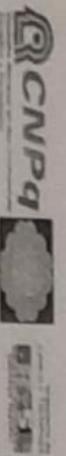
1

9	Maria Rosane Soares	270.243.491-15	Santos - SP	
1	Gisele Yetez (Row)	791.085.761-34	Caucaia - PI	
1	Hannahim	008072601-18	Brasília	
2	Dermis Severo	301441120-00	UnB / DF	
1	Karimma Almeida	006 984 392-32	Unicamp	
3	-			
1	Victória Martins Tomás	031-398-632-09	Unicamp	
4	-			
1	Andréw Wark W. Gonçalves	016.382.062-79	UNICAMP	
5	-			
1	Gen. U. Vrguesa dos S. Benedito	060.045.602-59	Unicamp	
6	-			

REALIZAÇÃO



APOIO



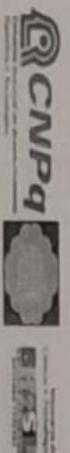
2

1	7	Tanaiso Soares Viegas	037.198.412.27	Unicamp	Jairine P. Viegas
1	8	Fabiane Antonio De Souza	473.813.57885	Unicamp/ISP	Fabiane A. De Souza
1	9	Amanda dos Santos	903.356.1142 - 90	Unicamp/SP	JKR
2	0	Takone P. Arantes	016.480.042 - 71	Unicamp.	Takone
2	1	Ana Mowabba	134.502.297-29	Unicamp. ISP	Unicamp/SP
2	2	Mirim Su Yam Guaraní	333.280.028-09	ATIUNB	Unicamp/SP
2	3	Hellen Karin Kariri	05792155127	UNB	Unicamp/SP
2	4	Luciana S. Sampaio	053.028.022-22	UFG	Unicamp/SP

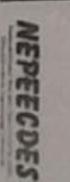
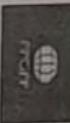
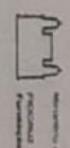
REALIZAÇÃO



APOIO



SOCIEDAD / REDE:
Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas
Fundação Oswaldo Cruz

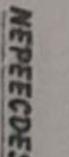
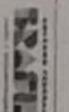
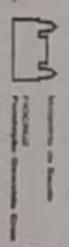
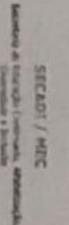
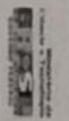
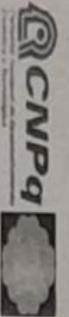


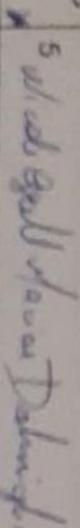
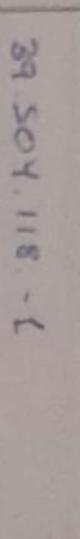
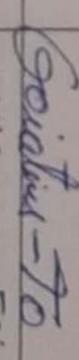
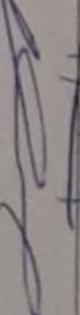
2				
2	5	Yallat Bonito	040 647.930.70	Unicamp / SP Yallat
2	6	Francisco Sávio Santos	060 976.023-83	Tobogana Monga IMA <i>Paulo</i>
2	7	Nan Ribeiro	6762612	<i>Ribeiro</i>
2	8	Jacaranda dos Santos da Cunha	903.356.442 - 91	UNICAMP / SP <i>Jo</i>
2	9	Karina Gehrke undos Braga	3566797-4	UNICAMP / SP <i>Karina G.M.D.</i>
3	0	Severino do Rosário Ferreira de Silveira	058.345.054-73	UERGS / RS <i>Severino</i>
3	1	Arceuza A. Gresserio	207 170 872.04	UFRGS <i>Arceuza</i>
3	2	Renata Carvalho de Araújo	923.122.541-15	UNIS <i>Renata</i>
3	3	Miriam Guaraní	333 280 028 04	A4iUNB <i>Miriam</i>

REALIZAÇÃO



APOIO

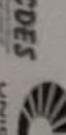
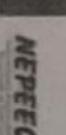
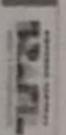
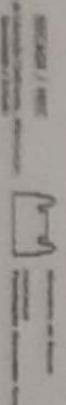
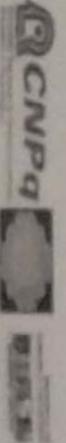


3 4	Gramática Elementar	109 432 02120	RS - RS Galáxia Livros
3 5	Wladimir da Silva Dalmida	39.504.118-6	SP / SP 
3 6	Sophie Famae Paulino	CPF 093 200 942 74	CAMPINAS / SP 
3 7	José de Oliveira	095 701 207 35	Eduar - RJ Gelvado de Schadotto
3 8	Chico Juber Day	21 085 361 34 (21) 99351-7430	Sociedade - TO  UNEMAT - Fazenda CÁCERES - MT 
3 9	Antônio Francisco Machado	474848611-20	PF 
4 0	Renato Oliveira	6866617	LA PAZ - COLOMBIA 
4 1	Kauã Hauei Plínio	67 477 466-8	45 CAMPINAS / SP 
4			

REALIZAÇÃO



APOIO



4			
3	Waldemaruf P.B. Surui	0314808210	RO
4	* Samuel Simão Pinha Anote	401856532 - 93	AC
4	5 Quincy da Costa Klippe	928.941.602.59	DF
4	6 Antenor Pequeno Homber	1286240-1	AM
4	7 Daba Mário Liano Anote	2376083-4	AM
4	8 Fabriana Simão Quo	989.225.802-94	DF
4	9 Alcineide M. Coelhos	015.835.562 - 81	DF
5	0 Camila B. Belbrane	340.005.638-31	DF

REALIZAÇÃO



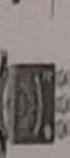
APOIO



SEADE / MEC



BRASIL



NETECCDES

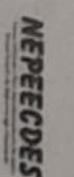
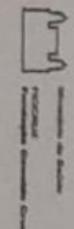
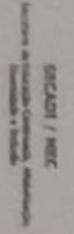
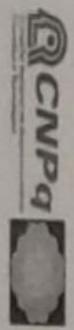


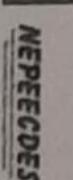
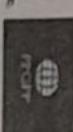
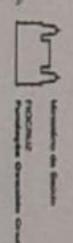
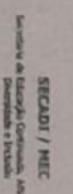
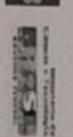
5	Renata Gragoa de Araújo	223.122.511-15	M Helus
5	Ana Cláudia Souza Souto	201.039.723-91	Prazer São Paulo SP Lavoni
4	Fabiiane Tessani	009 161 579 89	
5	Denise Severo	901441120-00	Braunia / DF AS.
5	Ruth Moraes Marinho	65 98333-8799	Ceará / CE E
7	Ana Lucília Pontes	21 - 982083069	Pioneer / RJ DF
5	SANDRA A.P.N. FERREIRA	21 - 983470697	FioCRUZ / RS ST.
5	Nathalia de S. Oliveira	41 - 99840-3093	Brasília - DF ACT Brasil Nathalia Oliveira

REALIZAÇÃO



APOIO

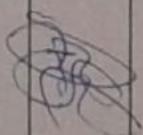




APOIO



REALIZAÇÃO

6	1 Dennis Gantano (nupm)	041.209.132-10	UnB / BSB 
6	2		
6	3		
6	4		
6	5		
6	6		
6	7		
6	8		

Lista de presença

Nome do evento: I ENCONTRO INTERNACIONAL EM CIÊNCIA INDÍGENA E JUSTIÇA CLIMÁTICA

Local: Auditório do CNPq de Brasília

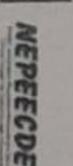
Data: 22/03/24

Nº	Nome	CPF ou RG	Local/UFG	Assinatura
1	Sheila de Souza Santos	307039.923-91	Pau'Alas	
2	Cristina Heynosa	40.485.332-82.	SD	
3	Karanki Melo	044.871.951-90	MT	Karanki
4	Fabiane Nessim	009.161.579.89	SP	
5	Rainha dos Povos	035.574.982-07	SP	Rainha
6	Jma Cláudia Martins Tomás	637879702/15	UNICAMP/SP	Cláudia
7	Mario Lino Fernandes	298.645.138.18	OTCA / DF / BRAS	Mario
8	Monaldo Antônio Gomes	001.544.691-69	UNB - CAMPUS	Monaldo

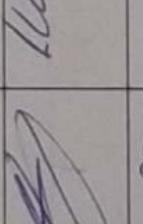
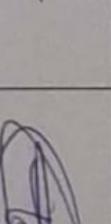
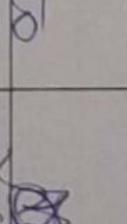
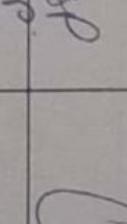
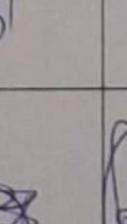
REALIZAÇÃO



APOIO



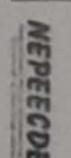
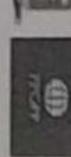
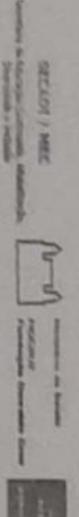
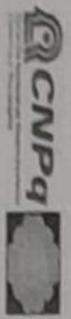
1

9	Trib. Pálio	324 429 043 - 49	Bahia - DF	D
1	Manoela Andrade	86024352191	Brasília DF	MP
1	Maurízio	65981181618	Cuiabá - MT	Montanez
1	Gerson Nogueira	024 188311-21	Centro	
1	Jádson Frutuoso	721-085-761-34	Goiânia - TO	
1	Maria Prema Soares	870 245401-15	Castanhal - PA	
1	Chantal Medeiros	291-037128-00	Companhia do Pará	
1	Denise Severo	901441120-00	UnB/Brasília DF	

REALIZAÇÃO



APOIO





1	7 Waldes Celdas Tene	930.481.312-72	Amazônia-UFAM Sorrisos
1	8 Viviana Alejandra Collaguaco Bonis	060404423-0	Ecuador
1	9 RAQUEL MOTA MASCARENHAS	022.304.795-08	UFOP - Mariana-MG
2	0 Izumiá Kunak	327 342 378 - 14	Fundo ORCA Inv.
2	1 Wicida Gall Yacca Dolanfio	39 504.118-9	USP - São Paulo
2	2 Roger Adon Chambi Mayta	83 72362 1.0	UFG - Goiânia
2	3 Jamie Name Pennant	731.309.922-53	UFSC - Blumenau
2	4 Isaura M. Araújo	734 487 532.20	UFAM - Amazônia

REALIZAÇÃO

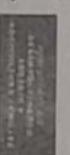


APOIO



SEÇÃO / MEC
Instituto de Pesquisas
Centro de Pesquisas
Centro de Pesquisas

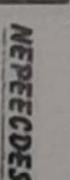
Centro de Pesquisas
Centro de Pesquisas



RNP



UNICAMP



NEPEECODES



UNIFESP



(FUNAD)

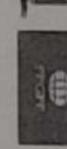
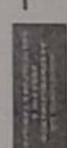
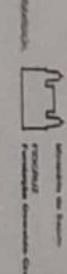
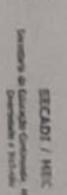
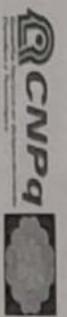
2	5 Victoria Martins Tomás	031-398-632 - 09	SP.
2	6 Yuri Kukuro	052.415.861-48	MA
2	7 Karina Gehrke inflato Braga	3566797-4	Karina Gehrke Moto Braga
2	8 Kátia Ray Sampaio	3131589 - 5	Kátia
2	9 Deusilene Gomide	072.455.372 - 06	SP
3	0 Mayara Celso Selin	061.917.362 - 16	Mayara
3	1 Nallot Barato	042.647.932 - 70	SP
3	2 Sugrid A. Carvalho	038.005.342.43	DF
3	3 Maria Pereira Soares	870.243.491 - 15	TO

4

REALIZAÇÃO



APOIO

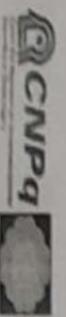


3	⁴ Bruno Gonçalves Lobo	041.636.009-56	UNB / Brasília - DF Bruno G. Lobo
3	⁵ Maria Lúcia A. Lopes	044 737 961 89	UnB/Brasília DF UFSC
3	⁶ Nátilia Castro	07577 326 24	Kauez / EHESS Mata das Águas
3	⁷ Victória Martins Tomás	031-398-632-09	Unicamp Victória
3	⁸ Denilson Góes Gondim	012.356.392-06	SP Denilson
3	⁹ Kauê Maues Allemão	001.984.392-32	SP Kauê
4	⁰ Jennifer Alvarez	418.851.566-63	DF Jenifer
4	¹ Niciana A. Maues	970 362 932-68	Unicamp SP Niciana
4	² Nilcian A. Maues		

REALIZAÇÃO



APOIO



4			
3	JOSÉ FER C. P. BOCHA		
4			
4	Kátia Paz Sampaio		
4			
5	Ana Mawatcha. F.G.		
4			
6	Lomemio A. Louvello		
4			
7	Jucson Gabriel	024.921.604 - 42	Companhia - SP
4			
8	Tais WYLIC	054.800.143 - 01	Brazilia - DF
4			
9	Gonçalves Ruiro Neto	70185653243	Acre
5			
0	Maryana Calvo Sálix	061.917.562-16	SP - Campinas

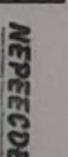
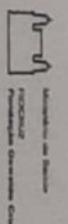
REALIZAÇÃO



APOIO



SECAO / MEC
Sistema de Seleção Oficial - Mecanizado e Presencial

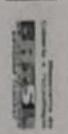
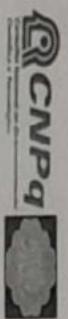


5	<u>2 Bruna Gonçalves Lobo</u>	041-636-002-56	UNB / Brasília-DF Bruna G. Lobo
5	<u>3 Isabelle Auen Caroline Bento</u>	059-479681-42	UNB / Brasília-DF Isabelle Auen C.
5	<u>4 Maria Luiza Araújo Lopes</u>	044-73796159	UnB / Brasília-DF Maria Luiza AL
5	<u>5 Adriano Castorino</u>	861-270-631-9	UFT Adriano Castorino
5	<u>6 Rosane O. R. Schubert</u>	496394201 - 15	UNEMAT Rosane O. R. Schubert
5	<u>7 Mônica Carneiro</u>	714-428-121-68	UNB FUNAI Mônica C.
5	<u>8 Rogeria Costa Filho</u>	953569322 00	UNB BSB Rogeria C.
5	<u>9 Marco Túlio F.</u>	298-645-138-10	OTCA Marco Túlio F.

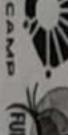
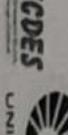
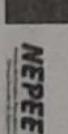
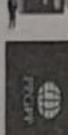
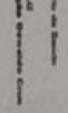
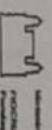
REALIZAÇÃO



APOIO



SECADI / MEC
 Instituto de Educação Continuada, Extensão e
 Desenvolvimento e Inclusão



6	¹ <u>Traíma Jusso Monkilla</u>	G 3346 46 - O	Brasília
6	² <u>RAGUEL MOTA MASCARENHAS</u>	022.307.795-08	UFOP MARIANA-MG
6	³ <u>Mire Rauhala</u>	+358 400 127 510	Sápmi Finlândia
6	⁴ <u>Alejandra Collazos</u>	060404923-0	Eurode/ Colombia
6	⁵ <u>Luisa F. Peloerz Cárdenas</u>	cc. 1001980001	Colombia
6	⁶ <u>Daniela Frantes</u>	644 014 571-87	Campinas-SP
6	⁷ <u>Ana Mawolcha F. Guerreiro</u>	134.502.297-29	Campinas-SP
6	⁸ <u>Elaine Pohquara</u>	374683087-72	Saqueamento/ RJ

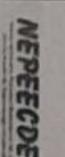
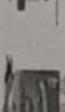
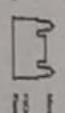
REALIZAÇÃO

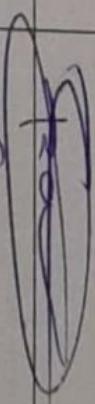
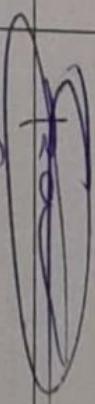
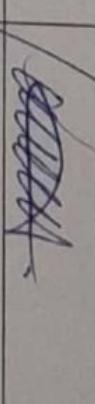
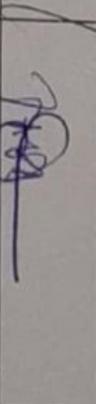
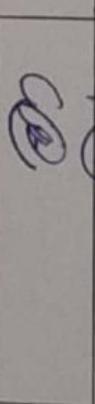
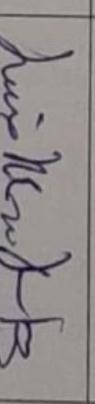
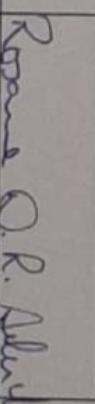
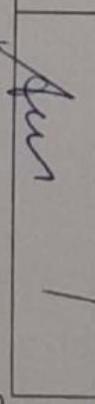


APOIO



SECADI / MEC
Instituto de Extensão Cultural, Administração
Institucional e Pesquisa



7	ALVARO ISAYOWA	296809008-28	SP	Alvaro
7	0 TRAIUÁ MELHIAÇO	303552521-12	DF	
7	1 Antonia Eloy P. da Silveira	019.642.536.01	DF	Antonia 
7	2 CRISTINA ALESSANDRA LACERDA KANZO	402.485-332-82	SP	
7	3 Jennifer Alvarez	418.851.568-63	DF	
7	4 Alícia Silva Idáia Convia	438.448.728-25	DF	
7	5 Suíço Cláudio Ribeiro	035529.982-07	SP	
7	6 Rosane Oliveira Rosa	49639420145	MT	
7	7 Adriano Lestorino	841270631-91	TO	

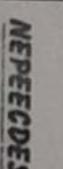
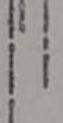
REALIZAÇÃO



APOIO



SENAI / MEC
Instituto de Desenvolvimento Profissional e Social



7	8	7	8
9	10	9	10
8	0	8	0

7
 8 Victor Sampaio Prado
 7
 9 Tatiane Prado Arantes
 8
 0 Alane Bratting Goncalves

Victor.sampaio@gmail.com
 Tatianepradoarantes@gmail.com
 alanebrcgymail.com

162/99148-3254
 19 89758-3806
 61 983219319

REALIZAÇÃO



APOIO

